



ENSINO DO CONTO AFRICANO EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Autora) Maria Brena da Costa; (Orientador) Dr. Sebastião Marques Cardoso.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, reitoria@uern.br

O presente trabalho trata de um relato de experiência do curso de extensão Análise do conto africano em Língua Portuguesa, vinculado ao Projeto Ensino de Cultura, Literatura e Língua Portuguesa (PECLEP) – UERN/CAMEAM. O curso surgiu como um empenho em suprir a lacuna de leituras das literaturas africanas existente na graduação de Letras em Língua Portuguesa. Para tanto, selecionei contos produzidos por Paulina Chiziane, Mia Couto, José Eduardo Agualusa e Ondjaki, partindo de uma perspectiva teórico-metodológica pós-colonial e da teoria da narrativa. Constatou-se que os alunos, todos graduandos, nunca tiveram contato com autores africanos anteriormente, revelando, portanto, a extrema necessidade da intervenção de um curso como esse. Como resultado, os universitários agregaram a literatura no seu currículo, capacitando-os, didaticamente, a atuarem no Ensino Básico de forma mais ampla e rica, ao incorporar e valorizar a literatura africana da contemporaneidade, uma vez que ampliação do repertório de leituras do brasileiro com a literatura africana está em sintonia com o contexto de formação cultural brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Extensão, Conto africano em Língua Portuguesa.

1. Introdução

Em todo o percurso do aluno de graduação em Letras em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas ele dificilmente entrará em contato com as literaturas africanas em língua portuguesa. Falamos, aqui, do cenário do curso de graduação oferecido pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), no entanto, este contexto não dificilmente seria encontrado na maioria das universidades do estado, para não dizer, do país. Tal circunstância revela-se assimétrica, se pensarmos nas diretrizes da lei 10.639/03, alterada pela lei 11.645/08, a qual torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino básico.

É nesse sentido que lançamos a indagação: como o professor de Língua Portuguesa abordará as literaturas africanas em sala de aula se não tiver um mínimo contato com essas expressões durante sua formação? É ingenuidade acadêmica imaginar que, o professor, entrando em contato apenas com os conhecimentos de teoria literária e literatura brasileira e portuguesa, saberá de maneira semelhante às outras, trazer os textos africanos para a sua sala de aula de maneira adequada.

Afirmamos isso nos baseando em Said (2007), no que concerne ao conceito de orientalismo – imaginário construído pelo ocidente acerca de África, que traz em si concepções exóticas e coisificadas com relação à cultura

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

africana. Tal imagem resultou em um distanciamento e outremização do continente africano, ainda que a formação cultural do Brasil tenha em muito de si influências africanas trazidas pelos africanos escravizados no período colonial. Portanto, o contexto brasileiro estabelece um diálogo fronteiro com os países africanos outrora colonizados pelos portugueses.

Pensando nisso é que surgiu o curso de extensão *Análise do conto africano em Língua Portuguesa*, vinculado ao Projeto Ensino de Cultura, Literatura e Língua Portuguesa (PECLEP) – UERN/CAMEAM. Com o intuito de tentar preencher pelo menos parte das lacunas existentes em relação ao estudo das literaturas africanas, o curso introduz, através de contos, a produção literária empreendida em Angola e Moçambique, à luz da teoria pós-colonial.

De certo, ainda que a produção literária nos países africanos de Língua Portuguesa seja crescente, encontrar edições destas produções no Brasil não é algo comum. Por esta razão a seleção dos autores para serem abordados no curso obedeceu dois critérios: 1. A acessibilidade da obra literária no Brasil; 2. O compromisso do(a) autor(a) em produzir uma literatura nacional transcendente com relação aos modelos eurocêntricos. Da seleção, resultaram os seguintes autores: Mia Couto e Paulina Chiziane (moçambicanos), José Eduardo Agualusa e Ondjaki (angolanos).

O curso teve duração de 40 h/a, com encontros semanais, e foi estruturado da seguinte forma: os dois primeiros encontros abordaram as perspectivas teóricas do pós-colonialismo; o terceiro se dedicou a discussões no campo da teoria literária, no que diz respeito à narrativa do conto; e nos demais encontros houve análises, discussões e produção de resenha escrita sobre os contos escolhidos.

2. A literatura pós-colonial

Primordialmente, faz-se necessário entender o que se compreende por teoria pós-colonial, pois numa interpretação rápida e de semântica lógica, poderíamos conceber como um termo referente a um marco temporal que comportou a ruptura dos países colonizados, quanto estes alcançaram a independência. No entanto, como pontuam Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2002), o pós-colonialismo transcende a divisão temporal e abarca todo o processo pelo qual os países colonizados passaram, ou seja, desde o início até o momento presente. Isto porque, entre outros motivos, a teoria faz uso de dois exercícios principais, conforme apresenta Bonnici (2009): a reescrita e a releitura.

A reescrita e a releitura, inseridas em um campo

de abordagem pós-colonial, dizem respeito à atividade de revisitar o passado colonial com o intuito de revogar o imaginário criado pelo colonizador. Este imaginário cunhado por Said (2007, p. 27-29) de orientalismo diz respeito a “[...] um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o ‘Oriente’ e (na maior parte do tempo) o ‘Ocidente’.” Deste modo, o oriente se tornou “[...] praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias.”

Assim, busca-se compreender o discurso orientalista transpassado por uma ideologia colonial de dominação, lançando um olhar crítico em relação aos discursos produzidos de modo a legitimá-la. Uma das formas pela qual se deu a legitimação da ideologia foi através dos textos literários produzidos pelo colonizador sobre a colônia, e aqui incluímos tanto textos descritivos dos administradores e aventureiros, quanto às narrativas ficcionais, que revelavam estereótipos estabelecidos.

A visão orientalista traz em si dicotomias que se revelam entre colonizador e colonizado, civilizado e selvagem, centro e periferia, com vias a negar a cultura do indivíduo considerado inferior. Nesse diapasão, o sujeito colonizado passa por um processo de aculturação, que segundo Nash (1997, p. 26 *apud* SANTOS; BARRETO, p. 247), se refere à “mudança cultural, desejável ou não que resulta do contato cultural.” Não obstante, o contato cultural entre colonizador e colonizado é permeado por um desequilíbrio de poder, criando uma hegemonia europeia, sobre a qual discute Said (2009, p. 34):

A cultura, é claro, deve estar em operação dentro da sociedade civil, onde a influência de ideias, instituições e pessoas não funciona pela dominação, mas pelo que Gramsci chama consenso. Numa sociedade não totalitária, portanto, certas formas culturais predominam sobre outras, assim como certas ideias são mais influentes que outras; a forma dessa liderança cultural é o que Gramsci identificou como *hegemonia*, [...]

Desse modo, acontece a tentativa de negação e apagamento das culturas dos povos colonizados, embasado por discursos falso-progressistas, uma vez que o colonizador busca justificar o processo de exploração a partir de uma ideia, também, falso-humanista, de levar o conhecimento para as ditas sociedades selvagens. Isso coloca em evidência o entrecruzamento da colonização com a ascensão do capitalismo na Europa, numa corrida por matéria prima e trabalho escravo, como assinala Bonnici (2009).

Em contraponto ao colonialismo surge, então, o pós-colonialismo numa tentativa de subverter o discurso empreendido durante o processo

colonial, quando o próprio sujeito marginalizado, numa tomada de consciência, fala sobre si mesmo, subvertendo a visão orientalista. Dado que este sujeito ao se reportar para a visão orientalista não se vê refletido no imaginário orientalista, coloca-se, portanto, no papel de reconstruí-lo. Na esteira dessa abordagem, cabe, aqui, frisar que um dos meios pelo qual o colonizador impôs a sua cultura foi através da língua. Isto se justifica, segundo Menon (2000) pelo caráter social da língua, intrinsecamente ligada à cultura com a qual está relacionada, num movimento de refletir e construí-la.

Em vista disso, conforme discussões ventiladas por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2002), a principal estratégia para subverter o imperialismo ganhou espaço na língua, uma vez que é a partir da literatura que o sujeito colonizado responderá o império. Nesse quesito, os escritores pós-coloniais utilizam-se tanto de suas línguas nativas, como forma de resistência à língua do império, quanto da própria língua do colonizador, mas não sem antes modificá-la. Sobre a segunda opção, ainda na direção do pensamento dos autores citados anteriormente, o escritor fará uso de algumas estratégias válidas de serem elencadas aqui.

No que diz respeito à subversão lexical, uma das estratégias é a utilização de palavras consideradas intraduzíveis da língua nativa, as quais estão intimamente ligadas à realidade do lugar de onde a literatura é produzida. Assim, geralmente acompanha um glossário com as palavras em língua nativa que apareceram ao longo do texto. São comuns, por exemplo, palavras referentes à alimentação local, a religião, habitação, fauna, flora, vestimentas, entre outros. Ainda referente ao léxico, encontraremos neologismos que intentam modificar e ampliar a natureza semântica das palavras, inscrevendo uma nova identidade linguística. Segundo Souza (2014, p. 24), “É considerado um neologismo convencionalmente toda palavra que não faz parte de um repertório finito socialmente oficializado.”, e, dentre outros recursos, o processo de derivação é largamente utilizado na literatura.

Essas estratégias de subversão estão ligadas ao processo de ab-rogação utilizado pelos escritores pós-coloniais, que segundo Bonnici, “[...] é a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras. É um momento da **descolonização do idioma europeu**. (1998, p. 15, grifo nosso)”

A descolonização da língua também ocorrerá no que diz respeito aos temas abordados nas literaturas pós-coloniais que direcionam para a construção de uma identidade nacional, através da produção de memória histórica pré-colonial, colonial, como também das consequências advindas a partir do processo de

colonização. Dessas consequências, podemos identificar, por exemplo, o hibridismo resultante da intersecção de culturas diferentes, a qual gera uma nova, diferente das anteriores.

Além disso, faz-se importante conhecer as particularidades do processo de colonização de cada país, pois, ainda que a ideologia colonial tenha sido a mesma, as experiências foram plurais, dada a variedade de culturas e contextos históricos. Sendo assim, no presente trabalho, torna-se pertinente elencar alguns fatos históricos que influenciaram na produção literária de Angola e Moçambique. No que diz respeito a Angola, Rolon (2011, p. 135) frisa que

[...] a independência de Angola, em 10 de novembro de 1975, modificou todo o panorama literário. Com a proclamação da União dos Escritores Angolanos, começaram a aparecer obras que haviam sido escritas nas prisões portuguesas e no exílio. Nessas obras era ressaltado o espírito de liberdade e o de busca de uma identidade solapada pelo colonizador. Inicia-se um processo que tem na literatura um lugar para interrogar o passado visando à construção do presente.

Já no que diz respeito ao contexto histórico de Moçambique, a guerra civil desencadeada em 1977 impactou de forma significativa a produção literária no país. Isso se revela claramente da coletânea de contos *Estórias Abensonhadas*, de Mia Couto, como indicam Borba e Spalding (2016, p. 164)

Já sob a perspectiva pós-guerra civil, Mia Couto introduz o livro “Estórias Abensonhadas” relatando o medo e a esperança que fizeram parte das páginas da obra. Os personagens representam um povo que carrega as marcas dessa guerra e que buscam através da tradição, da fé e da esperança superar os tempos de violência.

Assim, entendemos que conhecer os contextos históricos aos quais as literaturas produzidas estão relacionadas se faz extremamente importante para compreensão da construção da identidade e memória nacional empreendida pela literatura. Isto diz respeito tanto a uma formação subjetiva (no plano individual), quanto coletiva.

Feita essa explanação a respeito da literatura pós-colonial, fica clara a importância da abordagem para uma compreensão ampliada das literaturas africanas de língua portuguesa. Consideramos, portanto, que o ensino de literatura africana em língua portuguesa deve ser pautado no âmbito teórico discutido, uma vez que este consegue abarcar de forma satisfatória as expressões e exigências contidas no contexto africano.

3. Análise do conto africano em língua portuguesa

De acordo com o embasamento teórico sobre a literatura pós-colonial, tomamos por enfoque os contos produzidos nos países Moçambique e Angola, representados cada um por dois autores: Mia Couto e Paulina Chiziane, José Eduardo Agualusa e Ondjaki, respectivamente. Após a leitura dos contos selecionados, eram feitas as discussões referentes a cada um, pontuando as principais características encontradas que definem o engajamento do texto com a produção de uma literatura nacional, quer em relação ao tema, quer no que diz respeito a aspectos estético-literários, que subvertem o modelo europeu.

Para atender aos objetivos do trabalho, não descreveremos exaustivamente as discussões, ou traremos análises detalhadas a respeito de cada conto, mas procuramos selecionar os pontos de maior relevância que despontaram em sala de aula. Ao trazer à tona esses pontos, acreditamos ser objetivos e sintéticos sem comprometer o relato.

3.1 Mia Couto

Dentre os autores selecionados, Mia Couto se destaca pela acessibilidade de sua obra em terras brasileiras, tendo praticamente todos os seus livros publicados, torna-se fácil encontrar seus contos. A obra escolhida para ser trabalhada no curso de extensão foi *Estórias Abensonhadas*, uma coletânea de contos, os quais têm como eixo principal o contexto de guerra civil moçambicana. Selecionamos ainda quatro contos a serem discutidos: *Nas águas do tempo*, *O cego estrelinho*, *O calcanhar de Virigílio*, *Chuva: a abensonhada*.

Em uma primeira instância, as discussões se voltaram para o fato de que o tema da guerra aparece de forma determinante em alguns contos que também tratam da identidade (individual e coletiva), como acontece, por exemplo, no conto *Nas águas do tempo*, em que o “[...] narrado em primeira pessoa lembra uma tradição passada de geração a geração, eternizando a família independente da travessia do rio que aqui simboliza a morte.” (BORBA; SPALDING, 2016, 165). Além disso, encontramos o tema da tradição de forma latente no conto, e que se mostra de forma mais clara no seu desfecho, que segue:

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem. (COUTO, 2009, p. 18).

Concomitantemente ao tema da guerra, atentamos

para a linguagem utilizada nos contos, a qual se destaca por elaborar uma prosa poética e por usar dois recursos que subvertem a língua portuguesa. O primeiro, neologismo, é usado frequentemente durante todo o livro. Mia Couto usa palavras não existentes no dicionário de língua portuguesa na narrativa, como *cabecinhava*, *desabandonado*, *desvistado*, *maravilhação*, etc, que um efeito poético capaz de ampliar as potencialidades do texto. As discussões em sala de aula sobre esse ponto caminharam para a ideia de que o exercício de criar verbos, substantivos e adjetivos em muito se aproxima de uma metonímia do sujeito pós-colonial, cuja identidade surge como uma novidade resultante do encontro entre culturas.

Além dos neologismos, também foi discutido o fato do livro *Estórias Abensonhadas* conter, ao final, um glossário com palavras advindas de línguas nativas do sul de Moçambique, bem como palavras ditas regionais. Como exposto na seção anterior, o glossário é uma estratégia comumente utilizada por aqueles autores que usam a língua do império, mas insere no texto palavras intraduzíveis da cultura local.

Assim, Mia Couto se revela como um autor relevante para entender a história de Moçambique principalmente no que diz respeito ao panorama político e religioso do país. Além disso, o autor traz em sua literatura estratégias próprias do escritor pós-colonial engajado em construir uma literatura propriamente nacional.

3.2 Paulina Chiziane

Paulina Chiziane é considerada uma das escritoras mais importantes de Moçambique e tem uma larga obra formada majoritariamente por romances. Para o curso de extensão escolhemos dois contos oriundos de obras diferentes. O primeiro, intitulado, *As cicatrizes do amor*, foi retirado de uma coletânea de contos de nome *As mãos dos pretos*. O segundo, *Mutola*, está contido no livro de contos intitulado *As andorinhas*.

Os contos selecionados têm como ponto temático central a figura feminina na sociedade Moçambicana, abarcando questões que se ligam diretamente com questões de teoria pós-colonial. Como discute Bonnici (2009), a posição marginal ocupada pela mulher na sociedade dá espaço para se estabelecer um diálogo, considerando as relações de poder, entre patriarcalismo/mulher e colonizador/colonizado. Dessa maneira, “[...] se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada.” (BONNICI, 2009, p. 231), de modo que a colonização não pode ser superada sem que o patriarcalismo também seja.

As discussões ventiladas sobre os contos de

Paulina Chiziane no curso de extensão seguiram, portanto, na esteira desse pensamento. Em *As cicatrizes do amor*, temos uma narrativa que se aproxima em muito da tradição oral de contação de histórias, recriando inclusive o ambiente propício, na fala da personagem principal, Maria: “Diabos me levem se não estou bem nesta rodada de mulheres sentadas na areia e os homens nas cadeiras.” (CHIZIANE, 2000, p. 361). A partir deste cenário, o conto segue num exercício de resgate da memória de Maria num deslizamento entre a voz do narrador em terceira pessoa e a da própria personagem em primeira pessoa.

A memória da personagem circunscreve um caminho de gravidez, abandono, tentativa de infanticídio e, por fim, superação do sofrimento. Maria como que encarna a vida de todas as mulheres, carregando e dando voz à dor sentida por todas, o que dialoga, aliás, com o seu próprio nome: Maria, pessoa indeterminada.

Já em *Mutola*, temos uma personagem caracterizada através da metáfora entre a águia e a galinha, pois era a primeira, mas sempre educada como a segunda, não sabia voar. Nisso, enxergamos os limites impostos à mulher pela sociedade, que designa a ela determinadas responsabilidades, com as quais a personagem Lurdes não se identifica e, por isso, questiona:

- És completamente maluca, Lurdes – diziam as amigas lá do bairro – tu não és mulher!
- Por quê? O que significa ser mulher? – questionada incrédula.
- Ah! Mas que pergunta! - diziam com ar de gozo. – Será que nunca viste nas revistas, nas novelas?
- Não tenho vontade nenhuma de perder o meu tempo a entrançar cabelos de boneca – respondia zangada. (CHIZIANE, 2013, p. 90).

Com isso, entendemos que os contos de Paulina Chiziane trazem uma discussão a respeito da estrutura social estabelecida em Moçambique, colocando em foco o papel da mulher na sociedade. Além disso, Paulina sempre faz diálogos com o cenário histórico-político do país, trazendo à tona questões de raça, colonização, poligamia e monogamia, etc.

3.3 José Eduardo Agualusa e Ondjaki

Para a abordagem dos autores angolanos José Eduardo Agualusa e Ondjaki, escolhemos duas obras de contos, a saber, *Manual prático de levitação* e *Os da minha rua*, respectivamente. Notamos que ambos os autores se aproximam em estilo de escrita e temáticas abordadas, como a memória, subjetividade e identidade.

Do livro *Manual prático de levitação*, foram escolhidos os contos *A noite em que prenderam Papai Noel* e *Eles não são como nós*. No

primeiro, temos como personagem principal um negro albino, o que explicita a característica do autor em abordar subjetividades e identidades. Como se sabe, a vida dos negros albinos em África é complexa, uma vez que são rejeitados tanto pelos negros, quanto pelos brancos. Em alguns lugares, o fato de ser albino está associado com uma maldição legada à família do indivíduo, o que aprofunda ainda mais a sua marginalização na sociedade.

Já do livro *Os da minha rua*, os contos discutidos foram *No galinheiro, no devagar do tempo* e *Um pingo de chuva*. Frisamos, aqui, para o caráter contínuo dos contos, que estão sempre a dialogar entre si, seja na frequência de aparição dos mesmos personagens ou na continuidade temática. Isso faz com que haja a possibilidade dupla de leitura, pois podemos conceber o livro como um romance com episódios separados por capítulos, ou como contos que dialogam entre si, mas que ainda assim têm uma unidade temática particularmente.

Em *Os da minha rua* temos uma espécie de autobiografia da infância do autor costurada por fragmentos do cotidiano de uma turma de amigos. Dessa forma, temos nos contos o retrato de uma infância vivida em Angola, com sutilezas do cenário político do país, uma vez que o olhar é de uma criança, o mais ingênuo possível. Sendo assim, os pontos de maior relevância encontrados nos contos foram a construção de memória e identidade pós-colonial.

4. Conclusão

Advindo de um desejo de preencher a lacuna existente no curso de Letras Português, o curso foi formulado tomando a direção do público acadêmico. Isto porque seguimos a lógica de que a partir da formação de professores, a literatura africana poderá chegar ao Ensino Básico com maior efetividade. Assim, atingiremos, a longo prazo, um público bem maior do que atingimos em sala de aula.

Afora disso, compreendemos a importância da abordagem da literatura africana no Brasil, dada a sua formação histórica, que dialoga em muito com a dos países africanos de língua portuguesa. Para cumprirmos o nosso objetivo, seguimos os pressupostos teóricos da teoria pós-colonial, identificando os principais temas compreendidos em cada conto.

Dito isso, acreditamos que ao final, os cursistas puderam agregar em seus currículos a compreensão, ainda que introdutória, da literatura africana de expressão portuguesa através da análise de contos. Desta forma, poderão atuar no ensino básico de forma eficaz no que diz respeito a trazer essas literaturas para o conhecimento do aluno, articulando as suas principais características com a literatura produzida também no



Brasil.

5. Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **Manual prático de levitação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **The Empire Writes Back**. New York: Routledge, 2002.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem (Editora da Universidade de Maringá), 2009, p. 257-285.

CHIZIANE, Paulina. As cicatrizes do amor. In: SAÚTE, Nelson. **As mãos dos pretos: antologia do conto moçambicano**. Lisboa: d. Quixote, 2000.

CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

COUTO, Mia. **Estórias Abensonhadas**. Portugal: Editorial Caminho, 2009.

MENON, A. **A Post-Colonial Insight to Chinua Achebe's African Trilogy**. Romania: Bridge Center, 2015.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

ROLON, Renata. O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações. **Revista ECOS**, Mato Grosso, v. 11, n. 2, 2011.

SAID, E. W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Rafael; BARRETO, Margarita. Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Híbridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo, v. 17, n. 2, 2006.

SOUZA, Rejane. **Formação de palavras na língua portuguesa sob a ótica da Morfologia Distribuída**. 2014. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.